

# CARMAS DA QUESTÃO AGRÁRIA: movimentos sobre falsos dualismos gerando falsos paradigmas

José Sidnei Gonçalves<sup>1</sup>

## 1 - QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL: história dos carmas

O debate sobre a questão agrária brasileira, mais que sua perenidade em mais de cinco séculos sem equacionamento, tem sido pródigo ao criar falsos dualismos, cuja elaboração conceitual forja falsos paradigmas, conduzindo a embates equivocados que pouco contribuem para o avanço da compreensão de sua real profundidade. No momento atual, emerge mais um desses que se pode denominar falsos dilemas da realidade agrária brasileira, qual seja, uma equivocada tentativa de opor a agricultura familiar e os agronegócios, como se fossem marcadamente excludentes. Há que se pontuar esse carma da questão agrária que a faz mover nos seus momentos de crises mais acirradas sobre falsos paradigmas, e o que acabou de ser pontuado é mais um deles.

Um **primeiro carma da questão agrária** aqui identificado, data dos anos 50s, não que no passado não tenham existido outros, mas aí se trata de memória muito remota. Quem não se lembra do famoso relatório Klein & Saks que, analisando a estrutura de comercialização da agricultura, gerou um processo de demonização dos “atravessadores”. Esses “demônios”, espraia-dos pelos campos brasileiros, estavam presentes em todos os rincões do território nacional, explorando agricultores indefesos, comprando barato na roça e vendendo caro na cidade, gerando carrestia. Na verdade, pouco se atentou para a situação precária da logística que, sem esse mecanismo desenvolvido pela estrutura comercial dispersa, não teria fluxo de produtos para as cidades em expansão. A revolução da logística, integrando todo território nacional pela expansão da malha viária e das estruturas de comunicação, literalmente fez eliminar esses constrangimentos. A expansão da comunicação, como instrumento

da sociedade de massa e elemento fundante da expansão capitalista, alterou de forma radical a realidade. Pois bem, sem qualquer cruzada exorcista, o próprio desenvolvimento capitalista deu conta de transformar a estrutura dos agromercados, reduzindo de forma drástica as margens de comercialização, fazendo esquecidos no tempo e espaço esses “atravessadores” demoníacos.

Um **segundo carma da questão agrária** está no clássico dualismo dos anos 60, que pretendeu colocar a discussão sobre a existência ou não de restos feudais no campo brasileiro. Nesse debate, para alguns a existência de elementos marcantes e caracterizadores da ordem feudal no campo brasileiro era o elemento impeditivo do desenvolvimento do capitalismo no campo, barrando a sua modernização e explicando sua baixa produtividade e incapacidade de produzir alimentos. Pois bem, veio a modernização conservadora, dos anos 60s em diante, como uma resposta de ampliação da velocidade da expansão da acumulação de capital no campo e, mais uma vez, sem exorcismos, a verdadeira revolução tecnológica, operada tanto na realidade rural como nas agroindústrias de insumos e máquinas (bens de capital da agricultura), nas agroindústrias de processamento e de alimentos e na estrutura da distribuição dos agromercados (atacado em escala nacional e varejo pelos supermercados), que fez cair no esquecimento, no tempo e no espaço, os demoníacos “senhores feudais” do campo.

Um **terceiro carma da questão agrária** está datado dos anos 70s, que pretendeu opor os produtos “exportáveis” aos produtos ditos “domésticos”, numa pretensa crítica, na qual a prioridade dada aos produtos exportáveis derivada da força política desmesurada da agricultura de exportação, não apenas seria a responsável pela fragilidade do mercado interno em função de seu baixo desenvolvimento. Os produtos exportáveis se caracterizariam pelo elevado dinamismo tecnológico, pela expansão da área cultivada e pela rentabilidade crescente, enquanto que os produtos do-

<sup>1</sup>Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

mésticos, justamente aqueles de consumo das massas internas, teriam indicadores exatamente inversos dos exportáveis, daí derivando a elevação do custo de vida urbano, ou seja, uma realidade de carestia. Pois bem, passados alguns anos, também sem práticas exorcistas generalizadas, já não se fala mais dessa falsa dicotomia entre “exportáveis” e “domésticos”, uma vez que, com o alastramento das transformações estruturais para todas as cadeias de produção, caiu no esquecimento a então “demoníaca” lavoura de exportação. Nesse caso, dada a realidade atual, parece ter havido uma beatificação do demônio, em função do papel desses agricultores na geração de divisas para financiar o desenvolvimento nacional.

Um **quarto carma da questão agrária**, que vem emergindo na realidade contemporânea, pretende opor a agricultura familiar aos agronegócios, o que corresponde à primeira falsa dicotomia do novo século. Pela realidade virtual que se pretende concreta, de um lado estaria uma imensa massa de pequenos e médios agricultores, com ou sem terra, excluídos das políticas públicas e de outro um reduzido número de grandes agricultores que viveriam das benesses governamentais. Nada mais falso que essa pretensa argumentação, uma vez que as políticas públicas, nas suas várias nuances, não são o único elemento do sucesso dos agronegócios. Mais ainda, não há como, numa realidade de expansão capitalista, pretender mostrar a existência de agricultores que praticariam uma realidade de reprodução simples do capital, na qual a produção é o objetivo da atividade econômica, a outros que vivenciariam a situação de reprodução ampliada do capital, na qual o lucro é o motor da atividade econômica. Dado o vaticínio de Marx, segundo quem “*as transformações econômicas são o motor da história*”, o devir histórico sem rituais de exorcismo promoverá o esquecimento no tempo e no espaço dos “demoníacos” empresários rurais dos agronegócios.

## **2 - AGRONEGÓCIOS RURAIS FAMILIARES E AGRONEGÓCIOS RURAIS DE ESCALA: diferentes estruturas produtivas orientadas pela obtenção de lucro**

A questão agrária não pode ser entendida com base nesse suceder de carmas, pois sua perenidade e sua emergência, com força nas

crises, decorrem das raízes históricas produzidas por um processo de transformações capitalistas com aprofundamento das iniquidades. De um lado, não adianta questionar a realidade pretendendo por freios ao processo de mudanças, identificando os segmentos mais dinâmicos que impulsionam a expansão setorial como o adversário a ser combatido no plano político e econômico. Seria como entrar na corredeira da crise, remando contra o fluxo natural das águas, no que é importante lembrar outra passagem destacada por Marx em seu clássico “O Capital”, quando, analisando a expansão dos arrendamentos capitalistas, mostra a completa ineficácia da legislação inglesa em limitar a expropriação do campesinato. De outro lado, também não faz o menor sentido análises calcadas em pretensa verificação empírica da realidade dos assentamentos que acabam por concluir pela ineficiência total da reforma agrária, a qual representaria desperdício de dinheiro público. Uma verificação acurada das políticas de incentivos fiscais na ocupação da fronteira agrícola, representada pelo Brasil Central, onde está o “*locus*” dos modernos agronegócios, também iria comprovar distorções gritantes e um enorme desperdício de recursos públicos aplicados com elevados subsídios ou renúncias fiscais. Para esses teóricos da superficialidade, que pouco contribuem para a qualidade da compreensão da questão agrária, um outro lembrete de Marx: “*se a essência e aparência das coisas se confundissem, irrelevante seria a ciência*”.

A crítica dessa pretensão de imputar carmas à questão agrária, oriundas de qualquer seita teórica, deve estar centrada num mergulho na aparência empírica, buscando entender os elementos que impulsionam o movimento capitalista no campo brasileiro. Para tanto, é fundamental destacar as variáveis que explicam a expansão da produção. A primeira, esquecida por muitos, é que a produção capitalista é movida pela busca incessante do lucro. Na realidade do capitalismo contemporâneo não há mais espaço para pensar na racionalidade da produção com base na concepção da reprodução simples do capital, na qual o objetivo do agricultor seria a mercadoria. Em qualquer atividade, o agricultor, enquanto capitalista, investe dinheiro na produção de mercadoria para obter mais dinheiro, ou seja, obter lucro. Em qualquer espaço da economia monetária de produção, a busca do lucro representa o motor da expansão produtiva, qualquer que seja

o perfil da sua estrutura. Assim, o capitalista não faz agricultura para produzir comida pela comida, mas pelo lucro que a atividade possa oferecer como renda destinada à remuneração do investimento produtivo.

Aliás, da ótica da produção de alimentos, a expansão capitalista tem sido também um absoluto sucesso, para tanto, basta verificar as séries temporais de estatísticas de orçamento familiar, incluindo as últimas do IBGE, não apenas para visualizar a imensa mudança na estrutura dos dispêndios com alimentos. Num primeiro ângulo, pela redução do consumo em todas as classes de renda, de produtos tradicionais como o feijão, e o incremento de protéicos como a carne avícola, fato consistente com as transformações do padrão agrário. Em outra e fundamental perspectiva, cabe destacar a queda sistemática, também, em todas as classes de renda, ainda que mais pronunciada nos estratos de maior rendimento, da parcela do orçamento familiar gasta com alimentação e vestuário, levando à constatação de que a fome urbana não é um problema de falta de comida nem de comida cara, mas fruto direto da falta de trabalho, pois nenhuma renda e renda baixa, que implicam em nenhuma ou pouca comida. O Brasil vive assim um típico dilema de Keynes, qual seja a busca pelo pleno emprego, não uma pretensa inelasticidade da oferta agrícola que justificaria o lema da realização da produção de alimentos no campo para alimentar as cidades.

Ditos esses argumentos, há que se voltar à análise das transformações capitalistas do campo, tendo claro que a produção da agricultura tem como orientação o incremento da massa de lucros, razão que justifica as inversões numa economia monetária de produção. Dado que toda atividade econômica está orientada pelo lucro, as diferenciações decorrem diretamente da estrutura produtiva capaz de configurar a produção e logística compatível com o incremento dessa forma de renda. A realidade agrária brasileira se move primordialmente pelo lucro derivado da produção como forma de renda, daí o seu sentido como expansão de agronegócios, deixando para trás, nas zonas de agricultura relevante, o passado em que prevalecia a renda fundiária. Tanto é assim, que os preços da terra nas regiões já ocupadas não mais estimulam movimentos especulativos e o mover das fronteiras deixam para trás preços da terra cadentes, após um período cada vez

menor de acumulação primitiva na ocupação, mesmo porque as terras ácidas dos cerrados exigem investimento no solo para torná-lo produtivo, não bastando a velha prática de derrubar a mata, queimar e plantar. **Tal como o banqueiro tem o juro como forma de renda, o proprietário da terra tem a renda fundiária, os trabalhadores têm o salário, o agricultor capitalista tem o lucro como renda obtida no seu negócio, logo, no capitalismo brasileiro atual, tudo que se produz no campo deriva do que se denomina agronegócios.**

A diferenciação interna dos agronegócios deriva da estrutura de mercado das distintas cadeias de produção e da base técnica da estrutura produtiva, ambas submetidas a distintas lógicas em função dos ganhos de escala. O primeiro conjunto de cadeias de produção configura uma conformação específica de estrutura produtiva derivada da produção de mercadorias de alto valor agregado, representadas pelas frutas, olerícolas e produtos que exigem o primado da qualidade na forma de características ao mesmo tempo intrínsecas e extrínsecas. A singularidade derivada de práticas que conferem no processo características de qualidade, impossíveis de serem incorporadas nos elos seguintes das cadeias de produção, formam uma realidade de cultivos adensados, com intensidade do uso da terra. Nessas cadeias de produção adensada de frutas, olerícolas e cafés, dentre outras lavouras, a renda bruta não decorre do tamanho da terra, mas da intensificação de seu uso e, numa visão de todos os elos (*farm to table*), os ganhos de escala se dão na eficiência da logística, ou seja, nos elos posteriores às fazendas. Em uma visão internacional, essa é a estrutura típica da agricultura da Califórnia. Para esses produtos rurais, cuja qualidade se mostra elemento determinante, pode-se organizar eficientes estruturas de "agronegócios terra intensiva", ou seja, agronegócios familiares.

O segundo conjunto de cadeias de produção configura uma conformação específica de estrutura produtiva derivada da produção de mercadorias de baixo valor agregado, representadas pelas matérias-primas destinadas à transformação agroindustrial, que exigem o primado da uniformidade como característica definidora do rendimento industrial, gerando encadeamentos no pós-porteira que movem a agroindústria de alimentos ofertadora de produtos finais. A especificidade de produtos intermediários para abaste-

cer agroindústrias confere, ao processo de produção na terra, o elemento de ganhos em escala para incremento da renda em lavouras mecanizadas, buscando grandes e concentrados volumes de oferta para reduzir os custos de transação pelo aumento da eficiência da estrutura de transportes e da transformação agroindustrial. Numa visão internacional, essa é a estrutura típica da agricultura do Texas. Nesse caso, as cadeias de produção se entrelaçam juntando os fluxos, os produtores de milho e soja, de um lado, estão com a produção confinada de animais como aves, suínos e mesmo bovinos e, de outro, com o significativo segmento de gorduras vegetais. Para esses produtos rurais, cuja escala se mostra elemento determinante, a formação de estruturas eficientes e competitivas com alta produtividade por unidade de área se dá em "agronegócios terra extensiva", ou seja, agronegócios de escala.

Finalizando, tanto nos denominados agronegócios familiares como nos agronegócios de escala, a lógica capitalista formadora de fluxos crescentes de produção de lucros como elemento impulsionador da renda é uma realidade inexorável. Ambas as estruturas exigem elevado padrão tecnológico e crescente domínio sobre as técnicas produtivas, ou seja, com padrões de especialização peculiares, mas com complexidade cada vez maior. Nas duas atividades, a mecanização de processos está presente, mas com perfis distintos de maquinaria. Nos agronegócios de escala não apenas incrementa-se o uso de máquinas como a potência dessas máquinas cresce de forma substantiva desde os anos 80, aumentando o tamanho ótimo da área de lavouras.

Não faz sentido o discurso de que, com o mesmo padrão tecnológico, pode-se fabricar essas máquinas para os agronegócios familiares, pois elas não propiciariam os mesmos ganhos derivados da escala. A mecanização dos agronegócios familiares exige máquinas para outras tarefas que não o preparo do solo, plantio e colheita de produtos uniformes, mas para as tarefas de pré-colheita, colheita dirigida, pós-colheita e armazenamento com atmosfera controlada de produtos de qualidade extrínseca e intrínseca. **Esses elementos distinguem, mas não diferenciam, no sentido que se pretenda opor entre estruturas familiares e estruturas de escala. A questão agrária não precisa de novas carmas, mas de políticas que, enxergando as**

**distinções próprias dos agronegócios, transformem a diversidade num mosaico de oportunidades. A falta de ocupação para pessoas no campo e na cidade são reflexos de uma economia longe do pleno emprego e a reforma agrária no capitalismo pode ser um instrumento para criá-lo, gerando acesso à propriedade da terra, porém nunca significará a negação do sistema capitalista enquanto regime baseado exatamente na propriedade privada, objetivo de luta dos sem terra. As diferenças produtivas devem ser um elemento forjador de dinamismo com base em desenvolvimento de singularidades diferenciadoras de produtos e processos, nunca uma característica negativa que deva ser negada e exorcizada.**